

Leandro Cabral: Alfa

World Music Report (Canadá) - Escolha do Editor · Álbum do Mês

<https://worldmusicreport.com/reviews/cds/leandro-cabral-trio-alfa/>

By Raul da Gama

04/03/17

Há vários momentos no disco Alfa de Leandro Cabral Trio que se pode sentir um Glenn Gould ressuscitado, encarnado num pianista brasileiro chamado Leandro Cabral. O pianista é capaz de tocar as notas de modo a acariciá-las, como se seus dedos fossem penas de pássaros. Depois, sem mais nem menos, ele pode se tornar a força da natureza de uma bateria de escola de samba, mas sem nunca atacar o teclado grosseiramente. Sublinha-se o uso da dinâmica musical de Cabral, indo do *pp* até flutuar e avoar sobre as asas do vento, num ar cheio de deleite com arpejos gloriosos e cintilantes, que podem a qualquer momento silenciar; depois, num mergulho, sua música banha as montanhas nativas e o sertão de sua terra no ritmo da luz. O samba se transforma no famigerado e febril frevo; do divertido “Rapaz de bem” ao brilhante “O grande azul”... como se *piano* se metamorfoseasse num *sforzando* à grandiosa maneira brasileira.

Seria Leandro Cabral um pianista clássico com trajes brasileiros? Ele é na verdade ambos – um pouco como um Keith Jarrett, mas sem o muro que separa o clássico das formas brasileiras fundidas na improvisação jazzística. As linhas de fronteira entre dois (ou três) estilos de Cabral estão de tal modo turvadas que se torna quase impossível surpreendê-lo habitando somente uma metáfora. Talvez os conhecimentos de yoga do pianista tenham algo a ver com a extrema fluidez de seu toque, com as notas arqueando no ar, seguras apenas pelas “ghost notes” semi-percussivas que ressoam nas linhas do baixo - para adicionar o senso rítmico abrasileirado de Sidiel Vieira, cujos pizzicatos ondulantes com vibrato nos lembram do lendário paulista Zeca Assumpção; enquanto que o pintor da percussão, Vitor Cabral, transforma magicamente suas baquetas em encharcados pincéis de tinta que respingam gotas ferrosas e douradas ao espalhar padrões rítmicos rodopiantes sobre a tela musical. Ambos “Marcela” e a icônica peça de Antonio Carlos Jobim, “Inútil Paisagem”, são

ótimos exemplos da interação entre os membros do trio, esta última desacelerando numa elegia sentimental de Leandro Cabral.

Tanto “O amor que se deu (Vassi nº 2)” quanto “Rute e sua grandeza (Vassi nº1)” são peças impressionantes e ao mesmo tempo arriscadas para o pianista. “A dança”, que conta com a voz aveludada de Vanessa Moreno além dos sublimes clamores do sax soprano de Cássio Ferreira, traz um sentido de narrativa musical que sustenta a unidade do trio, e todos juntos criam um mundo mágico que nos atrai. O resto do repertório é outrossim singularmente impecável, equilibrado e perfeito. Claramente, Leandro Cabral, Sidiel Vieira e Vitor Cabral estão harmonizados, e o que mais se destaca não é tanto suas qualidades individuais – os modos gentis e poéticos e os pequenos portamentos de Leandro Cabral, ou os matizes infinitamente nuançados de preto que ambos Vieira e Vitor Cabral encontram para a coloração harmônica e rítmica ao se redarguirem mutuamente (e também a Leandro Cabral), ecoando frases musicais, empurrando uns aos outros para frente e trocando segredos sussurrados que só a música pode revelar. Este é um disco encantador, e também um ótimo exemplo do que um trio é capaz de fazer: três músicos apaixonados se tornando muito mais do que a soma de suas partes.

Tradução: Reginaldo R. Raposo